

Data: 27/05/2008 01:07:29 [564 Palavras]

Publicação: Gazeta Mercantil (Brasil)

Idioma: Português-Brasil

Autor: Gazeta Mercantil

27 de Maio de 2008 - Nos últimos anos, começou a diminuir a distância entre as empresas privadas e as organizações sociais. Cada vez mais, as empresas buscam complementar suas atividades com uma causa social ou ambiental, tanto para desenvolver novos produtos, como para melhorar a reputação perante os clientes. Já as ONGs incorporam modelos de gestão empresarial para ampliar seu público-alvo, atendendo assim mais e mais pessoas.

Essa atitude cria novo modelo de empresas, identificadas como pertencentes ao setor 2.5, fronteira das organizações de segundo e terceiro setor. O conceito, adotado por alunos da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, atualiza modelo que ganhou destaque a partir de 2005, com a premiação do empresário e banqueiro Muhammad Yunus, ganhador do Nobel da Paz. Escritor de O Banqueiro dos Pobres, pretende acabar com a pobreza, em Bangladesh, com microcrédito pré-aprovado para milhões de famílias.

As empresas que aderirem ao novo modelo, privilegiando a responsabilidade social, só tendem a ganhar. Fabricar produtos que não degradem o ambiente, promover a inclusão social e participar do desenvolvimento da comunidade em que está inserido são conquistas cada vez mais valorizadas pela sociedade. O retorno, em termos de imagem, é muito positivo, além da contribuição para o desenvolvimento do próprio país.

Quem aposta na responsabilidade social tem gestão mais consciente de suas missões. Ganha um comprometimento maior dos funcionários, o que influencia em um melhor ambiente de trabalho. O resultado da equação é a conquista de mais clientes e um respeito maior na sociedade.

Uma das vertentes humanísticas do conceito é a concessão, das empresas privadas, de vagas para estágio. Em um país como o Brasil, no qual o desemprego na faixa dos 18 a 24 anos continua bem acima da média, a abertura de vagas para esse público é fundamental para garantir a empregabilidade futura dos jovens, além do aprimoramento, a partir do treinamento prático.

O papel do CIEE é o de mostrar a importância do estágio como fator de integração e cidadania do jovem, afastando-o do submundo da ociosidade e das ruas. O estudante que faz estágio vai para o mercado mais confiante e experiente. O CIEE criou, há dois anos, o prêmio "As Melhores Empresas para Estagiar", com o objetivo de reconhecer publicamente organizações e empresas que investem em formação e treinamento dos futuros profissionais, colaborando sua efetiva inserção no mercado de trabalho.

Com o apoio da seccional paulista da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-SP) e a expertise do Ibope Inteligência, o prêmio estabelece ranking com as 50 melhores empresas para estagiar, divulgadas amplamente na mídia. As dez primeiras são nomeadas por colocação. Da 11.ª a 50.ª colocadas, são anunciadas por ordem alfabética.

As organizações interessadas poderão efetuar sua inscrição gratuitamente até 11 de julho, pela internet, no site www.ciee.org.br. Para concorrer, as empresas precisam estar no Estado de São Paulo e ter mais de 15 estagiários. Com mais de quatro décadas e mais de 7 milhões de estágios consolidados, o CIEE está convencido de que o perfil adequado aos novos tempos surgirá da integração entre a sala de aula e o ambiente de trabalho. E que as empresas que investirem na responsabilidade social estarão saindo na frente, não só da concorrência, mas para propiciar um futuro melhor para a sociedade.

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 11)(Luiz Gonzaga Bertelli - Presidente executivo do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), da Academia Paulista de História e diretor da Fiesp)